Nancy Cardozo

***Nenhuma riqueza é inocente.
Exercícios com redes de corrupção שְׁחָטָה***

*Ninguna riqueza es inocente.
Ejercicio con redes de corrupción שְׁחָטָה*

*No wealth is innocent.
Exercise with corruption networks שְׁחָטָה*

*La corrupción no es un desvío del sistema capitalista
global, es parte de su funcionamiento básico.*

Resumo: Numa perspectiva libertadora, a autocrítica é essencial para superar qualquer pressuposição da superioridade ética das igrejas cristãs no confronto à corrupção. Nós somos parte do problema. Ver a Bíblia como reserva moral e ponto para a crítica das situações contemporâneas de corrupção, é algo que apresenta vários problemas que precisam ser considerados e superados. Nesta reflexão, uma abordagem exegética para o termo שְׁחָטָה pode revelar as redes de significado sobre o tema e também para mostrar as contradições e conflitos presentes nas narrativas.

Palavras-chave: riqueza, corrupção, redes, שְׁחָטָה

Resumen: En una perspectiva liberadora, la autocrítica es fundamental para superar cualquier presuposición de superioridad ética de las iglesias cristianas en la confrontación de la corrupción. Somos parte del problema. Ver a Biblia como reserva moral y punto privilegiado para la crítica de las situaciones contemporáneas de corrupción, presenta diversos problemas que necesitan ser considerados y superados. En esta reflexión, una aproximación exegética al término שְׁחָטָה puede revelar redes de significados sobre el tema, y también mostrar las contradicciones y conflictos presentes en las narraciones.

Palabras-clave: riqueza, corrupción, redes, שְׁחָטָה

Abstract: In a liberating perspective, self-criticism is fundamental to overcoming any assumption of ethical superiority of Christian churches in confronting corruption. We are part of the problem. Seeing the Bible as a moral reserve and a privileged point of criticism for contemporary situations of corruption presents several problems that need to be considered and overcome. In this reflection an exegetical approach to the term שָׁדָי can reveal networks of meanings about the theme and also the contradictions and conflicts present in the narratives.

Keywords: wealth, corruption, networks, שָׁדָי

Introdução

A desigualdade social é a maior evidência da existência de corrupção, roubo, suborno, exploração e crime: os oito homens mais ricos do mundo possuem tanta riqueza quanto as 3,6 bilhões de pessoas que compõem a metade mais pobre do planeta¹. O modo de organização da vida social no capitalismo se baseia na alienação sistêmica que separa quem trabalha do fruto de seu trabalho, separa as comunidades de seu território roubado na forma de matéria prima, legitima a expropriação das riquezas, recursos e possibilidades por uma minoria... e não! Nada disso é natural, normal ou explicável.

Nenhuma riqueza é inocente: toda a riqueza é alimentada por alguns... A corrupção secreta e organizada não é privilégio de país pobre, "atrasado". Porém, se pensarmos que corrupção mata - porque desvia dinheiro de hospitais, de escolas, da segurança-, então a mais homicida é a corrupção estruturada. Precisamos evitar que a necessária indignação com as micro corrupções "culturais" nos leve a ignorar a grande corrupção. É mais difícil de descobrir. Mas é ela que mata mais gente.
Eduardo Galeano²

A indignação é a motivação para a reflexão crítica e para a organização de uma prática política libertadora, mas precisa se fazer acompanhar pelo aprofundamento teórico para que não se reduza na qualidade e na quantidade do fenômeno da "corrupção" em seu caráter cultural. *Nenhuma riqueza é inocente* – repito com Galeano – querendo evitar também um “micro” caminho cultural esvaziado no uso Bíblia sobre este assunto.

¹ BBC Brasil, 16 de janeiro de 2017, in: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38635398> (acesso 17/1/17)

² GALEANO, <http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=ES&prevlang=PT&prevprevlang=ES&prevprevprevlang=PT&prevprevprevprevlang=ES&cod=36766> (acesso 12/12/16)

Notas Rápidas sobre Corrupção: necessária indignação

Compreender a corrupção como mau comportamento de funcionários públicos induzidos por vantagens materiais ou outras, ajuda a compor o entendimento sobre o tema, mas não revela todo o caráter sistêmico de estruturas a serviço de parcelas sociais e não voltadas para o bem comum. Mais do que os comportamentos uma análise sobre sistemas de corrupção exige avaliar os modos de organização da sociedade, os modos de circulação e/ou não do poder e suas formas de comunicação e participação ou a falta delas. Neste sentido uma das questões mais importantes nesta reflexão é sobre o Estado superando qualquer visão idealista do Estado como projeção do todo social, ou como um agente neutro ou de mera regulação de interesses contraditórios.

“Entre o consenso e a força situa-se a corrupção-fraude (característica de certas situações de exercício difícil da função hegemônica, apresentando o emprego da força muitos perigos) [...]”³

Para autores contemporâneos, nos marcos do capitalismo global movido por forte competição, os países e economias periféricas são envolvidos numa intensa aceleração de trocas comerciais, manutenção de taxas de lucro e acordos políticos que não podem se dar ao luxo de preservar as regras da competição mesmo.

O capitalismo globalitário avassala todas as instituições, rompe todos os limites, dispensa a democracia.⁴

Sem consenso social orgânico as elites precisam tomar o controle do Estado por meio de “golpes e rupturas” e tratam de continuar se tornando competitivas no cassino global através do acesso prioritário de recursos públicos via subsídios, financiamentos e favorecimento em licitações, isto é, a corrupção é necessária para o funcionamento do poder das elites e manutenção dos modos de subordinação. Nas palavras de Florestan Fernandes:

³ GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere, volume III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, in: <http://www.blogsintese.com.br/2016/06/sobre-corrupcao-no-contexto-do.html> (acesso 10/12/16)

⁴ OLIVEIRA, Francisco, O avesso do avesso, Piauí edição 37, 2009, in: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-avesso-do-avesso/>, (acesso 12/12/16)

*Essa articulação política entre os mais iguais, democrático-oligárquica em sua essência e em suas aplicações, assume, de imediato e irremediavelmente, a forma de uma cooptação sistemática e generalizada. A cooptação se dá entre grupos e facções de grupos, entre estratos e facções de estratos, entre classes e facções de classes, sempre implicando a mesma coisa: a corrupção intrínseca e inevitável do poder resultante. [...]*⁵

Nada disso justifica ou desculpa as responsabilidades pessoais, as decisões tomadas por indivíduos mesmo na defesa de interesses corporativos. No âmbito do capitalismo financeiro globalizado as decisões pessoais são fissuradas por estruturas de tomadas de decisão que seguem o critério supremo do lucro. A única opção real é a de não trabalhar no sistema, nem para o sistema.

*Lo cierto es que la corrupción ya es otro modo de acumulación de capital del neoliberalismo. Junto con la especulación financiera, la austeridad fiscal y la deuda como medio de dominio. Y se ha instalado en todo el mundo para quedarse... mientras haya capitalismo.*⁶

De certa maneira a identificação individualizada e personalizada de agentes corruptos e corruptores acaba sendo uma estratégia de manutenção dos interesses da especulação e acumulação financeira. Os modelos de apuração, investigação e criminalização continuam centrados nos modos liberais de percepção da corrupção, até mesmo esforçando-se para manter intactos os mecanismos de exploração e corrupção do capitalismo. Os modelos de endividamento público – por exemplo – são a forma mais ampla de corrupção, de comprometimento em grande escala das riquezas sociais e o deslocamento sistêmico para interesses privados.⁷

Neste sentido “corrupção” não pode ser reduzida a um tema ou assunto, mas precisa ser entendida e estudada a partir das marcações estruturais como: que tipo de sociedade? Que formatação de Estado? Que relações sociais de poder? Que ordenamento político e jurídico?

A Bíblia: cultura corruptora corrompida

A luta hoje contra a corrupção em todos os seus aspectos e em especial no aspecto sistêmico não precisa da Bíblia, nem parece ser mui-

⁵ Ibid.,

⁶ TAMAYO, Xavier Caño Renace el autoritarismo al servicio de los beneficios de las elites, in: , <http://www.voltairenet.org/auteur120098.html?lang=es> (acesso 14/11/16)

⁷ TAMAYO, Xavier, Auditorías ciudadanas contra la deuda pública, in: <http://www.voltairenet.org/article194044.html> (acesso 12/11/16)

to vantajoso procurar alguma legitimidade anticorrupção na Bíblia. O cristianismo e seu livro foram e continuam sendo parte da estrutura de poder e de consolidação de “valores” nas sociedades latino-americanas quase sempre de modo impositivo e de acordo com as elites no poder. Neste sentido poderíamos dizer que os privilégios e acordos das hierarquias cristãs no passado e que se mantém hoje fazem parte deste esquema de corrupção sistêmica uma vez que cria uma via privilegiada de acesso a recursos da sociedade seja na forma direta seja na forma de isenções, proteções jurídicas e benesses diversas.

Além de certas benesses feitas de auxílios e cooperações de várias ordens, inclusive financeiras e de isenção de impostos, a presença de símbolos cristãos em lugares públicos como escolas, hospitais, prisões, parlamentos e, sobretudo, em tribunais, denota que malgrado o dispositivo legal de liberdade religiosa, e de separação Igreja-Estado que vigora na maioria dos países latino-americanos, na prática há um tratamento desigual entre as religiões, com uma preferência simbólica para as religiões cristãs, o catolicismo sobretudo.⁸

A Bíblia na América Latina é muita coisa ao mesmo tempo. Como “livro” da religião imposta historicamente, a Bíblia participa da polifonia religiosa e cultural latino-americana de modo conflitivo e marcado por ambiguidades. Como religião imposta o cristianismo não tem contribuição positiva. Não há maneira de mudar esta avaliação sem comprometer os dados e as interpretações da história já conhecida por todos/as.

Después de 500 años de conquista y colonización, los pueblos indígenas de América Latina aún están vivos! Han sido fundamentalmente las religiones indígenas las que han permitido a los pueblos indígenas resistir y sobrevivir, muchas veces a pesar y en contra de la «evangelización cristiana». La Biblia, a menudo, fue utilizada como instrumento de conquista espiritual.⁹

Assim, numa perspectiva libertadora, a autocrítica é fundamental para superar qualquer pressuposição de superioridade ética das igrejas cristãs no enfrentamento sistêmico da corrupção. Somos parte do problema: *Nenhuma riqueza é inocente!* – nem a nossa. Ver a Bíblia como reserva moral e ponto de crítica privilegiado para as situações

⁸ ORO, Ari Pedro; URETA, Marcela. Religião e política na América Latina: uma análise da legislação dos países. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 13, n. 27, p. 281-310, June 2007. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000100013&lng=en&nrm=iso>. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832007000100013> (acesso 17/12/2016)

⁹ SCHWANTES, Milton; RICHARD, Pablo. Biblia 500 Años: conquista o evangelización? - Introducción, Ribla 11, Vozes/Recu, Petrópolis/Quito, 1992, <http://www.claiweb.org/ribla/ribla11/contenido.htm> (acesso 12/12/16)

contemporâneas de corrupção apresenta diversos problemas que precisam ser considerados:

- o lugar de poder e o trânsito de influência do cristianismo e da Bíblia nos modos de organização social;
- os usos abusivos da Bíblia por parte dos fundamentalismos cristãos e suas aplicações políticas nocivas;
- a distância histórica dos textos bíblicos que não podem ser aproximados mecanicamente de realidades contemporâneas;
- a distância sócio e antropológica dos textos bíblicos das formações culturais de hoje;
- a diversidade de literaturas, narrativas, códigos e resoluções sobre “corrupção” na Bíblia o que impede qualquer tentativa de síntese;
- por ser um livro “religioso” a perspectiva da base jurídica e ética da Bíblia quase sempre busca sua legitimidade em deus, na igreja, no altar, no ritual e no clero o que cria uma dificuldade grande para releituras em sociedades que amadurecem a perspectiva do Estado laico.

Trabalhar a partir de um tema e isolar textos combinando-os por assunto pode oferecer uma falsa ideia de conjunto e síntese e atualizar de modo equivocado os textos bíblicos, como por exemplo esta listagem (abaixo) cheia de incorreções e deturpações. As noções de “funcionalismo público”, “polícia”, “poder judiciário”, “independência de poderes”, “poder executivo/legislativo”, “assessores”, “meio empresarial”, “sistema financeiro”, “direitos trabalhistas” não correspondem ao texto bíblico e a falta de contextualização histórica e sociológica esvazia a densidade das narrativas no seu tempo e garantem uma importância desimportante para o texto bíblico – como a tabela a seguir de uma página evangelical:¹⁰

- contra a corrupção no funcionalismo público	Lc 3.12-13
- contra a corrupção policial	Lc 3.14
- contra a corrupção no Poder Judiciário	Dt 16.19-20; Ex 23.8; Pv 17.23; Is 5.22,23; Sl 82.2-5a; Lv 19.15.

¹⁰ SOUZA Júnior, Daniel, Corrupção: aspectos sociais, bíblicos e teológicos, <http://www.ultimato.com.br/conteudo/corruptao-aspectos-sociais-biblicos-e-teologicos> (acesso 6/1/17)

- Independência entre os poderes	Mq 7.2-3.
- contra a corrupção no Poder Executivo:	Is 1.23; Pv 29.4; Pv 16.12.
- acerca dos assessores corruptos	Pv 25.5
- contra a corrupção no Poder Legislativo	Is 10.1-4
- contra a corrupção no meio empresarial	Ez 22.12-13a; Pv 16.8; Pv 22.16.
- contra juro absurdos(?) praticados pelo Sistema Financeiro	Pv 28.8; Ez 18.5,7-9; Ex 22.25; Sl 112.4-5,9
- acerca negação dos Direitos trabalhistas	Jó 31.13-14; Ml 3.5; Cl 4.1; Lv 19.13.
- contra lucros desonestos (?)	Os 12.7; Dt 25.13-16; Pv 11.1; Pv 16.11; Mq 6.11; Lv 19.35-36

A tentativa dos setores fundamentalistas do capitalismo (religiosos, econômicos, políticos e culturais) de usar a Bíblia como reserva moral acima da sociedade e da história coloca e amplia um problema importante que exigirá de biblistas e teólogo/as comprometidos/as com os processos populares de libertação retomar a metodologia da leitura popular sem reforçar os mecanismos de cooptação/corrupção da Bíblia na cultura. Em muitos aspectos a Bíblia não tem o que dizer - nem poderia - para os afazeres da radicalização da democracia entre nós.

Corrupção na antiguidade médio-oriental

Para fugir de qualquer ranço fundamentalista é preciso entender o texto bíblico no âmbito da história antiga médio-oriental, considerando formatações estatais contextualizadas, expressões da relação do indivíduo, comunidades e Estado com o aparato jurídico e a frequente instabilidade geopolítica na região tanto na forma de guerras como de diversos mecanismos de saque e escravidão institucionalizados. Neste sentido a corrupção deixa de ser tema e passa a ser categoria importante de estruturação das realidades projetadas pelos textos e de interpretação dos discursos políticos e teológicos.

Os antigos reinos médio-orientais onde a Bíblia está imersa tem características muito diversas entre as grandezas políticas e também alguns pontos de contato que merecem ser lembrados:

- os governos dos antigos impérios são extremamente centralizados, militarizados sem vestígios de uma aristocracia independente o que foi chamado pela pesquisa europeia - na história e na filosofia política

- como “despotismo oriental” ¹¹ num contraponto com a “democracia grega”; esta perspectiva teve forte influência no estudo da Bíblia nos séculos XIX e XX caracterizando os impérios vizinhos do Israel bíblico pelos aspectos de tirania e despotismo; no caso dos relatos bíblicos, o modelo de poder interpretado pela pesquisa se distinguia de todas as demais pelo caráter contratual das monarquias descritas no texto o que garantiria uma superioridade em relação aos povos vizinhos.

- os antigos sistemas políticos médio-orientais se caracterizavam por estruturas imperiais que se estendiam por territórios vizinhos e com forte disputa entre diversos núcleos de poder; esta diversidade e instabilidade de reinos diferentes em disputa teve como resultado a inviabilidade de um sistema político e legal estável. Os sistemas jurídicos foram caracterizados pela diversidade, brevidade e fragmentação não gerando um acúmulo de procedimentos de direitos na região neste período da história; aqui também a densidade do caráter contratual da religião bíblica vai expressar uma supremacia em relação aos demais povos.

- o que poderia ser considerado como ordenamento jurídico do Estado, tem na antiguidade médio oriental, e também na Bíblia, uma origem “sagrada”: as disposições administrativas e os contratos costumavam ser feitos no templo de um deus local, que servia como um tribunal e arquivo de registros. A legitimidade da ordem vai estar na divindade, e os profissionais dos templos muitas vezes controlavam, consolidavam e intervinham com a perspectiva de defesa do ordenamento vindo de um deus o que esvaziava a origem mesmo do processo de ordenação social e criava espaços para manobras e desvios.

- o desenvolvimento do comércio como o desenvolvimento da religião na antiguidade médio-oriental levaram ao surgimento de uma burocracia que se tornaria muito influente¹². O comércio requeria contabilidade e administração e a classe religiosa administrava o superávit e atuava como o ponto focal da sociedade. O templo administrava a coleta e a distribuição do excedente. Um sistema de medidas padrão foi desenvolvido para fins de negociação. A complexificação das sociedades teria feito surgir outras formatações de poder o que criaria condições

¹¹ MINUTI, Roland, Oriental Despotism, in: <http://ieg-ego.eu/en/threads/models-and-stereotypes/the-wild-and-the-civilized/rolando-minuti-oriental-despotism#FromOrientalDespotismtotheAsiaticmodeofproduction> (acesso 4/1/17)

¹² BURNETT, Eve, The Ancient Middle East, in: Politics, Ideology, and Religions in the Middle East, <http://view2.fdu.edu/legacy/vol4.politicsideologyandreligionsinthemiddleeast.pdf> (acesso 4/1/17).

para ações fora do controle do poder central ou fora do estabelecido nos contratos, aonde poderíamos identificar situações de corrupção; entretanto o caráter centralizador de tais estruturas não permitiriam uma aproximação direta ao fenômeno que hoje identificamos como corrupção.

- os colapsos dos impérios médio-orientais são bem valorizados na literatura bíblica com descrições teológicas e políticas dos motivos de tal colapso quase sempre passando por processos de corrupção de núcleos de poder, de desintegração pré-condicionada ou desencadeada por um estresse social agudo (insegurança, crises ambientais ou econômicas, fome) seguido por crise de sistema de governo (incompetência, perda de redes econômicas, corrupção ou crises dinásticas), guerra civil e também degradação ambiental, tal como a erosão do solo, falta de chuvas, fracasso de planos econômicos.

- As práticas agora consideradas corruptas constituíam em boa medida a base dos governos imperiais: nepotismo, venalidade e exploração de função pública para o lucro privado que eram não somente usual mas serviam também às necessidades dos impérios uma vez que a legitimidade de poder não derivava de acordos sociais amplos mas sim de exploração e imposição. Mas mesmo nos impérios antigos, antes mesmo do uso ampliado do dinheiro, a corrupção era combatida e importantes tentativas de controle eram feitas¹³.

Sistemas de corrupção: secreta e organizada

Assumindo uma perspectiva histórico-sistêmica seria importante reconhecer não só o caráter estrutural da corrupção, mas também seu caráter integrado e integrador. Tomando da análise de Mary Douglas¹⁴ sobre sistemas de “impureza” podíamos dizer que a corrupção nunca é um fenômeno único, isolado; onde houver corrupção, há sistema. Ela é o subproduto de uma organização, de uma ordenação e classificação dos atributos do poder, na medida em que ordenar pressupõe repelir os elementos não apropriados. Os sistemas políticos se apresentam como idealidade da sociedade, como expressão objetiva de direito e legitimidade; tal idealidade mascara os interesses parciais e a precariedade dos contratos e acordos sociais que, nos momentos de crise

¹³ HOLLAND, Thomas (ed.,) *Studies in Ancient Oriental Civilization* n, 46, <http://oi.uchicago.edu/sites/oi.uchicago.edu/files/uploads/shared/docs/saoc46.pdf> (acesso 10/11/16)

¹⁴ DOUGLAS, Mary, *Pureza e Perigo*, <https://parentescoeorg.files.wordpress.com/2010/08/pureza-e-perigo-mary-douglas.pdf> (acesso 12/12/16)

deixam ver os modos de classificação e organização dos interesses... e seus escapes de crime, corrupção e abuso.

Assim para configurar casos de corrupção é preciso haver sido traçada uma regra, uma norma a partir de um lugar de poder e colocar toda a sociedade neste registro contratual e criar mecanismos que zelem pelo cumprimento da regra. A corrupção é justamente o avesso do contrato, o que o acordo social esconde, o que flexibiliza a idealidade das leis e acordos e revela a desigualdade de distribuição e circulação de informação e poder. Considerando a literatura bíblica seria possível identificar diferentes registros de “contrato” que não são homogêneos e revelam complexo processo de absorção, edição e consolidação de textos.

A tarefa seria a de lidar com o termo “corrupção” identificando uma proposta discursiva de totalidade, um registro de contrato que circunscreve um campo semântico específico e que cria as condições objetivas e simbólicas de compreensão da realidade que o texto quer expressar e suas relações.

A categoria de totalidade significa (...), de um lado, que a realidade objetiva é um todo coerente em que cada elemento está, de uma maneira ou de outra, em relação com cada elemento e, de outro lado, que essas relações formam, na própria realidade objetiva, correlações concretas, conjuntos, unidades, ligados entre si de maneiras completamente diversas, mas sempre determinadas¹⁵.

Este cuidado metodológico procura evitar que o texto bíblico seja reduzido *“a um amontoado incoerente, amorfo e desarticulado de fragmentos, do qual não pode resultar qualquer processo de efetiva produção do conhecimento”* ¹⁶.

A “corrupção” estruturada na linguagem

O termo “corrupção” vai ser usado nos diversos registros bíblicos de modo distinto, mas sempre mantendo esta ideia de “avesso”. O termo

¹⁵ LUKÁCS, G. Existencialismo ou Marxismo? São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1979, apud. CRUZ, M. M. Avaliação de Políticas e Programas de saúde: contribuições para o debate. In : MATTOS, R. A.; BAPTISTA, T. W. F. Caminhos para análise das políticas de saúde, 2011. p.181-199, <http://www.ims.uerj.br/ccaps/wp-content/uploads/2011/10/Capitulo-7.pdf> (acesso 20/12/2016)

¹⁶ CARVALHO, Edimilson, A Totalidade Como Categoria Central na Dialética Marxista, Revista Outubro, Instituto de Estudos Socialistas, nº 15, 2007, in: <http://orientacaomarxista.blogspot.com/2008/07/totalidade-como-categoria-central-da.html> (acesso 20/12/16)

hebraico שָׁחַת (shachath e mishchath, mashchath, mashchith) implica primeiramente a degeneração física, desfigurado, manchado, estragado, deteriorado e também depravação moral, perda de integridade e princípio moral.

A raiz שָׁחַת e suas variações são usadas cerca de 150 vezes na bíblia hebraica e os usos mais frequentes desta raiz são: agir corrompidamente, animal manchado, corrupto, corrompido, destruir, destruir devastar, derrubar, poluir, estragado, desperdiçado, derrubado, ir para a ruína, danificar, pôr em perigo, poluído, devastação, devastado, arruinado, sufocado, desperdício, desperdiçado e causando destruição.

Os usos verbais:

(Qal) Destruir, corromper, ir para a ruína, decadência

(Niphal) a ser prejudicado, ser estragado, ser corrompido, ser corrompido, ser ferido, ser arruinado, ser apodrecido

(Piel) Estragar, arruinar, perverter, corromper, lidar corruptamente (moralmente)

(Hiphil) Estragar, destruir, destruir, corromper (moralmente)

Destruidor (particípio)

(Hophal) estragado, arruinado (particípio)

Ocorrências de שָׁחַת

Gênesis 14	2 Samuel 6	Lamentações 3
Êxodo 5	2 Reis 4	Ezequiel 11
Levítico 4	1 Crônicas 3	Daniel 4
Números 1	2 Crônicas 10	Oséias 3
Deuteronômio 10	Jó 3	Amós 1
Joshua 1	Salmos 7	Naum 1
Juízes 7	Provérbios 6	Sofonias 1
Ruth 1	Isaías 9	Malaquias 3
1 Samuel 6	Jeremias 22	

Corrupção estruturada e redes de significados: alguns exercícios

1. corrupção ritual: uma das questões importantes no Levítico é a dinâmica de “contaminação”: pode ser uma ideia, uma doença, um relacionamento ou uma culpa. Para além de uma compreensão funcional

e mecânica o Levítico identifica normatividades e padrões e alerta para os elementos estranhos e indesejados que podem diluir e comprometer a integridade pessoal/social desejada. Pode ser o mofo, pode ser um animal com barbatanas, pode ser uma mancha num animal, pode ser sexo incestuoso, o sangue menstrual, ou a situação de endividamento não superável: tudo isso é confusão, abominação e impureza.

Se algumas destas situações são inesperadas e não controláveis outras são frutos da decisão e da contravenção, da transgressão que geram poluição. Tudo que coloca o tecido social em distúrbio na forma de caos precisa ser identificado e excluído pelos sistemas de controle da cultura.

Tudo se comunica com tudo. Esta percepção dos registros sacerdotais/rituais de que as trocas e comunicações sociais e pessoais são suscetíveis de levar-e-trazer conteúdos não desejáveis coloca todo o sistema e sub-sistemas num lugar de vulnerabilidade que pode gerar confusão colocando as parte-e-todo em situação de distúrbio das identidades e integridades pretendidas. Este processo fora do controle gera contaminação – distúrbio: *corrupção* é aquilo que pode ameaçar a “totalidade ritual” pretendida e seus eixos de disciplina; pode significar corrupção pessoal ou corrupção da oferta.

Por exemplo:

*Não cortareis o cabelo, arredondando os cantos da vossa cabeça, nem **danificareis** (תִּחַשׁ >> תִּחַשְׁתִּי) as extremidades da tua barba.*

Levítico 19,27

*Também da mão do estrangeiro nenhum alimento oferecereis ao vosso Deus, de todas estas coisas, pois a sua **corrupção** (מִשְׁחָתָא >>*

*מִשְׁחָתָא) está nelas; **defeito** (מִאֵימָא >> מִאֵימָא) nelas há;*

não serão aceitas em vosso favor.

Levítico 22,25

2. corrupção da terra: outro registro de totalidade se dá na forma de “corrupção da terra” (תִּחַשְׁתִּי >> מִשְׁחָתָא) e faz parte de registro/discursos divinos de avaliação de determinada situação marcada por violência e maldade, como por exemplo:

A terra, porém, estava corrompida (מִשְׁחָתָא) diante da face de Deus; e encheu-se a terra de violência.

Gênesis 6,11

*E viu Deus a terra, e eis que estava corrompida (שִׁחָה);
porque toda a carne havia corrompido (שִׁחָה)
o seu caminho sobre a terra.
Gênesis 6,12*

Outra possibilidade é a de Deus mesmo ou um mensageiro ser agente de destruição (שִׁחָה) de toda a terra como no relato do dilúvio – Gênesis 6 a 9 – ou da destruição de Sodoma e Gomorra – Gênesis 18 e 19) - consideradas cidades violentas e sem justiça.

*Porque nós vamos destruir (שִׁחָה) este lugar,
porque o seu clamor tem aumentado diante da face do Senhor,
e o Senhor nos enviou a destruí-lo (שִׁחָה).
Gênesis 19,13*

Esta é uma perspectiva importante que ocupa quase que a maioria dos usos do termo hebraico שִׁחָה podendo se referir à corrupção da terra como toda a criação ou pode se referir à terra como território determinado. Aqui a compreensão de corrupção é extensiva e aponta para a violência, a injustiça e a maldade como elementos de corrupção, que destroem a totalidade da criação.

3. corrupção de propriedade:

*E quando alguém ferir o olho do seu servo,
ou o olho da sua serva,
e o danificar (וְשִׁחָהּ >> שִׁחָה), o deixará ir livre pelo seu olho.
Êxodo 21,26*

*Então disse o remidor: Para mim não a poderei redimir,
para que não prejudique (אֶשְׁחָד >> שִׁחָה) a minha herança;
toma para ti o meu direito de remissão,
porque eu não a poderei redimir.
Rute 4, 6*

Estes dois textos trabalham com a noção de propriedade: de um servo ou de herança. Aqui a totalidade social é a do controle do meio de produção, seja na corrupção do trabalhador/servo (עֶבֶד), seja no comprometimento da terra/herança (יְרֵכָה).

Independentemente de qualquer proteção oferecida pela Lei, a escravidão não era de modo algum um modo de vida agradável. Os escravos eram propriedade e o texto do Êxodo se ocupa da corrupção, do estrago de uma ferramenta que no caso é uma mulher. Quaisquer que fossem os regulamentos, na prática havia provavelmente pouca proteção contra maus tratos, e ocorriam abusos. Como em grande parte da Bíblia, a palavra de Deus em Êxodo não aboliu a ordem social e econômica existente, mas instituía um pouco de justiça e compaixão.

O texto de Rute aponta também para mecanismos de proteção oferecida pela Lei para que mulheres em situação como a de Rute e Noemi pudessem ser resgatadas e tivessem acesso à terra, ao trabalho e ao pão. Também neste texto o proprietário se sente ameaçado de ter a sua herança corrompida/dividida e por isso abre mão de um direito que exigiria a socialização da terra (remissão) para garantir a posse da terra mesmo. No livro de Rute o amor e a solidariedade vão ser os elementos que superam os limites protetivos da lei.

Conclusão: o que mata mais gente

Não há UM ensinamento bíblico sobre “corrupção”. Não há síntese possível sobre o assunto nem fórmulas a serem aplicadas. Uma aproximação exegética pode revelar redes de significados diversos sobre o tema e também as contradições e conflitos presentes nas narrativas. Mais o exercício do que o resultado.

O cristianismo deixa de ser religião imposta quando finalmente olha nos olhos do continente, nas muitas caras de muitos povos... quando aceita ser uma religião entre outras, uma possibilidade de espiritualidade entre outras. O processo de inculturação do cristianismo na América Latina exige a quebra da hegemonia dos modelos de cristandade trazidos de fora (católico e protestante), entre eles, a da superioridade da Bíblia para todo e qualquer assunto. O cristianismo pode deixar de ser religião imposta para ser religião acolhida se praticar a justiça, amar a misericórdia, e andar humildemente com Deus (Miquéias 6,8): nenhuma riqueza é inocente!

Nancy Cardoso
Rio de Janeiro, Brasil
nancycpt@yahoo.com.br